



INSTITUTO PORTUGUÊS DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

OCCASIONAL PAPER N.º 22

A Alemanha e as eleições francesas

Patrícia Daehnhardt, IPRI-UNL

O governo alemão da chanceler Angela Merkel pouco se tem pronunciado sobre a campanha eleitoral francesa e sobre o resultado da primeira volta das eleições presidenciais de 22 de Abril, que colocaram Segolène Royal e Nicolas Sarkozy como candidatos à segunda volta a 6 de Maio. E, contudo, o futuro das relações bilaterais entre Berlim e Paris assim como o sucesso da presidência alemã da União Europeia dependem parcialmente de quem será o próximo presidente francês.

Os democratas cristãos (CDU), partido de Merkel, assim como os sociais cristãos (CSU) encontram-se politicamente mais próximos de Sarkozy. Na política europeia, partilham uma postura crítica sobre a eventualidade da adesão da Turquia à União Europeia como membro de pleno direito, concebendo uma parceria privilegiada, e opõem-se à realização de novos referendos para resolver a crise constitucional. Os sociais-democratas (SPD), partido do ministro dos negócios estrangeiros, Frank Walter Steinmeier, apoiam Royal, que defende a entrada da Turquia na UE a longo prazo e a realização de um novo referendo sobre o projecto constitucional europeu.

Da elevada participação eleitoral de 85 por cento de franceses pode deduzir-se que o candidato neo-gaullista Nicolas Sarkozy poderá esperar aumentar os seus 31.1 por cento dos votos em quase 13 por cento dos votos obtidos pelos partidos de direita, enquanto que Royal poderá esperar adicionar mais 10 por cento dos votos do eleitorado de esquerda, a juntar aos 25.8 por cento obtidos. Mais decisivo, ambos os candidatos terão de apelar aos 18 por cento de franceses que na primeira volta deram o seu voto ao candidato centrista François Bayrou, colocando-o em terceiro lugar. Bayrou, cuja campanha visou quebrar o duopólio partidário entre o partido de Sarkozy, a União para o Movimento Popular (UMP) e o partido de Royal, o Partido Socialista

(PS), já indicou que não irá apoiar publicamente nenhum dos candidatos. O debate televisivo entre Royal e Bayrou, a 28 de Abril, em plena campanha da segunda volta, sugere, no entanto, que Bayrou se encontre mais próximo da candidatura da candidata socialista, o que poderá influenciar os eleitores centristas, mesmo que Bayrou discorde do conteúdo programático da candidata presidencial.

O “factor Bayrou” poderá vir a influenciar a futura política europeia da França. Como terceiro candidato mais votado, Bayrou é um centrista e europeísta convicto. Os votos de quase 7 milhões de franceses impulsionaram-no a constituir um novo partido, o Partido Democrata (PD), que pretende afirmar-se como terceira força e subtrair-se da lógica tradicional dos dois principais partidos. Isto poderá ter implicações para o poder de decisão do futuro presidente e a margem de manobra deste na política externa, já que Bayrou poderá repetir um sucesso eleitoral semelhante nas eleições legislativas de Junho próximo, e impedir uma maioria parlamentar favorável ao presidente.

O que a campanha eleitoral demonstrou até agora é que o que une os dois candidatos presidenciais é uma vontade de mudança dos últimos doze anos da presidência de Chirac, vistos por uma grande maioria do eleitorado de esquerda e de direita como paralizadores da modernização da França. A favor de mudança surge a ascensão de uma nova geração política que se consubstanciará em qualquer um dos casos, assim como um conteúdo programático diferente, óbvio no caso de Royal, que visa reformar o modelo social francês, e necessário no caso de Sarkozy, que, apesar de pertencer ao mesmo partido que Chirac, demarca-se do seu antecessor propondo uma política económica mais liberal, e uma postura política mais pró-americana.

Quanto às implicações para a actual presidência alemã da União Europeia, Merkel está determinada em concluir uma presidência com resultados. Para tal necessitará da concordância do novo interlocutor presidencial francês. Dessa perspectiva, Sarkozy é o candidato preferencial. Nas duas questões mais importantes da agenda de Berlim, solucionar a crise constitucional europeia, e revitalizar as relações transatlânticas, Sarkozy perfila-se politicamente mais próximo de Merkel do que Royal. Quanto ao primeiro objectivo, o candidato francês afirmou que não iria realizar um novo referendo sobre o tratado constitucional, submetendo-o, numa versão reduzida, apenas a aprovação parlamentar. A chanceler alemã concorda com a ratificação parlamentar, apesar de não simpatizar, por enquanto, com a ideia de um tratado limitado, preferindo salvaguardar a substância do tratado. Mas a ideia obteve esta semana o apoio do primeiro ministro britânico cessante, Tony Blair, e é possível que Merkel tenha de fazer compromissos até 21 e 22 de Junho, quando se realiza o Conselho Europeu em Bruxelas, dias depois das eleições legislativas francesas, e onde a chanceler quer apresentar uma solução para a saída do impasse constitucional.

Quanto ao segundo objectivo, Sarkozy tem dados repetidos sinais que a França sob a sua liderança irá reaproximar-se dos Estados Unidos. Esta ruptura anunciada com a política de Chirac vai ao encontro da visão de Merkel, empenhada não apenas em reconciliar a Europa e os Estados Unidos, mas em fortalecer a comunidade atlântica. A cimeira em Washington entre a

UE e os EUA do passado dia 30 de Abril levou à assinatura de uma parceria de cooperação económica transatlântica com o objectivo de fortalecer as relações económicas entre ambos. Sarkozy é também neste campo o aliado preferencial de Merkel, por se mostrar favorável à iniciativa desenvolvida pela presidência alemã, e por poder sinalizar essa mudança, caso seja eleito, na cimeira dos G8 a realizar a 6 a 8 de Junho em Heiligendamm, na Alemanha, contribuindo para o seu sucesso.

No plano externo, todos os presidentes franceses até hoje atribuíram à relação bilateral com a Alemanha uma importância primordial, a nível bilateral, europeu e transatlântico. Mesmo que a maioria dos analistas alemães não preveja alterações significativas na relação franco-alemã como impulsionadora da integração europeia, Sarkozy poderá um “parceiro difícil” para a Alemanha, como recentemente sugeriu um analista das relações entre os dois países. Caso venha a ser eleito, Sarkozy terá de clarificar algumas declarações críticas que, repetidamente, fez durante a campanha sobre a Alemanha. Sustentar que os franceses devem invocar o patriotismo e a identidade com orgulho “por não terem levado a cabo um genocídio e por não terem inventado a solução final” numa alusão ao período nacional socialista alemão durante a Segunda Guerra mundial, não augura um bom início nas relações bilaterais, e pessoais entre Merkel e Sarkozy. Mesmo que tentasse com tais comentários apelar a eleitores da extrema-direita, Sarkozy revelou uma retórica anti-alemã jamais ouvida publicamente num político do *mainstream* francês.

Contudo, caso a intenção não tenha seguido uma lógica eleitoral, poderá sugerir, mais significativamente, que Sarkozy concebe o fim do motor franco-alemão como prioridade da política francesa, a favor de uma União Europeia liderada pelas grandes potências, incluindo o Reino Unido e a Polónia. Isto retiraria à parceria entre Paris e Berlim a sua especificidade e representaria uma mudança importante na política europeia. Paradoxalmente, a chanceler poderá não ter demasiados problemas com uma liderança “alargada”: na prática, Merkel parece ter-se antecipado já que nos últimos meses tem trabalhado em proximidade com outros países membros, assim como a Comissão Europeia. O diário britânico Financial Times afirmou recentemente que a chanceler, o primeiro ministro britânico e o presidente da Comissão Europeia consideraram uma “parceria estratégica” com Sarkozy caso este seja eleito, o que, a revelar-se, questionaria a permanência do motor franco-alemão de vários ângulos.

As declarações críticas de Sarkozy durante a campanha eleitoral relativamente à política do nacional-socialismo alemão não serão esquecidas em Berlim. Mas tendo em conta a agenda ambiciosa da presidência alemã da UE, por um lado, e dos G8 por outro, Berlim preferirá ter como novo inquilino na presidência francesa a partir de 6 de Maio alguém que na política externa não discorde dos objectivos de Berlim, deixando as declarações anti-alemãs de Sarkozy para serem tratadas a um nível bilateral. Numa altura em que Merkel propõe uma nova era para a comunidade transatlântica, onde reconhece à França um papel importante na reaproximação a Washington, este poderá ser um dos males menores.

02/Maio/2007